

As crônicas dialogadas de Figueiredo Coimbra

Mestranda Marcela Ferreira¹ (UNICAMP /FAPESP)

Resumo:

Em 1884, Figueiredo Coimbra (1866-1899) começa sua carreira de dramaturgo com a peça em verso A carta anônima. Com o grande sucesso no teatro, surgiram oportunidades para Coimbra colaborar nos periódicos cariocas e, dessa forma, ele oscilava entre o palco e o jornal, construindo sua vida literária nesses dois ambientes. No periódico A Notícia, o autor colaborou desde a fundação do vespertino em setembro de 1894 até o ano de seu falecimento, em 1899. Nessa folha, Coimbra escreveu textos e comentários sobre os fatos da época e criou duas colunas de crônicas: Notas de um simples (1894-1896) e Diálogos (1895-1899). O objetivo desse artigo é analisar a construção formal dos Diálogos, que se apresentavam como uma espécie de cena teatral e, dessa forma desvendar as peculiaridades e finalidades dessas crônicas dialogadas, que traziam comentários cômicos e irônicos sobre a vida cotidiana no Rio de Janeiro no século XIX.

Palavras-chave: Figueiredo Coimbra, gêneros literários, literatura brasileira, crônica.

Introdução

A representação no palco é o objetivo principal dos textos teatrais. Como a publicação não é uma prioridade no teatro, muitos dramaturgos do século XIX acabaram reduzidos ao esquecimento, pois suas obras se perderam no tempo. Esses obscuros homens de teatro, que não aparecem nas histórias teatrais, foram participantes da produção da arte dramática no país. É o caso de Figueiredo Coimbra, autor em questão.

O carioca Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra (1866 – 1899) começou a carreira de dramaturgo com menos de 20 anos de idade. Com o diploma de bacharel em Letras (curso que na época era praticamente um formador de escritores), mudou-se para São Paulo em busca do bacharelado em direito. No entanto, voltou para o Rio em 1884 sem o título, mas com uma peça, em um ato e em verso, intitulada **A carta anônima**. A estréia no teatro fez Coimbra passar “em um curto momento, entre duas salvas de palmas, da obscuridade para a grande luz ofuscante da celebridade” (REVISTA ILUSTRADA, 1894. p.2). Após a representação, o autor engendrou no campo da tradução e adaptação de peças estrangeiras, campo mais vantajoso financeiramente na época para qualquer dramaturgo que precisasse sobreviver dessa profissão. O sucesso no teatro possibilitou a entrada de Coimbra na imprensa, e assim ele passou a colaborar para os diversos periódicos que circulavam pelo Rio de Janeiro, como a **Gazeta da Tarde**, **Diário de Notícias**, **Novidades**, **Diário do Comércio**, **Mequetrefe**. Em 1889, no quadro de Rodolpho Amoêdo, **A roda literária em 1889**, Coimbra figurava entre os mais importantes nomes da literatura, como Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia dentre outros.

Na imprensa, Coimbra atuou como poeta, cronista, jornalista e redator. Ele deixou espalhada uma parcela da sua produção literária nas páginas dos jornais. Não publicou nenhum livro. Valentim Magalhães chega a dizer que o autor era um “irregular”, um “despautado”, um “boêmio” e “desperdiçava rimas, pilhérias, imagens, conceitos, observações, como desperdiçava a própria saúde, a própria vida, sem olhar para diante” e o que Coimbra escrevia “não mais se lembra”, pois eram “folhas caídas na correnteza” (MAGALHÃES, 1899. p. 2).

O último trabalho jornalístico de Coimbra foi a série **Diálogos** publicada do dia 23 de julho de 1895 até o dia 20 de janeiro de 1899, nas páginas do vespertino **A Notícia**. Os primeiros textos da coluna eram assinados com o pseudônimo Platão, uma espécie de alusão ao exímio filósofo grego que escrevia de forma dialogada; nome substituído posteriormente pelas iniciais F.C. adotadas até o final da publicação.

A série **Diálogos** é constituída por 467 crônicas dialogadas. Cada texto era como um esquete teatral, fazendo uma representação do cotidiano carioca no século XIX. Figueiredo Coimbra, como **observador** e **crítico mordaz** dos problemas da época (epítetos atribuídos pel' **A Notícia**), criava cenas humorísticas, colocando em cena os diversos tipos brasileiros, além de diversas personagens alegóricas. As personagens transmitiam aos leitores um ar de liberdade, porquanto transitavam sem a interferência de um narrador e, dessa forma, proferiam suas opiniões sobre os últimos acontecimentos, davam conselhos e criticavam atitudes dos familiares, dos amigos e do governo. Geralmente, as cenas ocorriam num intervalo de uma peça, nas festas, nas refeições em família, nos restaurantes e redações dos jornais, representando a vida nos diferentes lugares do Rio de Janeiro. Esses espaços dos **encontros casuais** podem ser determinados pelos discursos das personagens e, em alguns casos, pela descrição do narrador.

A caracterização da coluna perpassa por diferentes perspectivas, devido à mistura de formas literárias nos textos. Assim, em setembro de 1895, **A Notícia** considerava a coluna como uma **nota humorística** (A NOTÍCIA, 1895. p.1). Medeiros e Albuquerque classificou os **Diálogos** como **artiguetes leves e despreziosos**, além de **quadro de costumes** e inseriu o autor como integrante da **literatura dialogada** (RUFUFLIO SINGAPURA, 1899. p. 2).

Artur Azevedo considerou a série como **fragmentos de comédias** e **cenas soltas, articuladas numa ação dramática** (AZEVEDO, 1899. p. 2); já Valentim Magalhães a caracterizou de **dialogação cênica** e foi mais além, mostrando que na coluna se encontravam: graça, observação, ironia e filosofia prática (MAGALHÃES, 1899. p. 2). Bilac comparou os **Diálogos** a um **animatógrafo** e acrescentou que eram **pequenas tragédias e comédias** e nessas **ardiam às vezes os venábulos de fogo da sátira de Juvenal** e observavam a fundo as manias da vida brasileira (B., 1899. p. 1). Em **A Data**, Bilac dissertou ainda sobre as características de **cronista** do autor e essas estão presentes nos **Diálogos** (B., 1900. p. 2).

Coimbra foi enaltecido por escrever uma coluna em forma dialogada e, sem dúvida, essa forma chamou a atenção não só dos escritores, mas também dos leitores da época, pois o gênero dialogado era explorado no século XIX. As caracterizações apresentadas aproximam os **Diálogos** da literatura dialogada, do teatro e da crônica. Nesse momento, verificar-se-á como Coimbra explorou em sua coluna o gênero dialogado, e as consequências dessa forma para as finalidades da coluna e, como isso afeta na representação da vida cotidiana carioca.

1 O gênero dialogado e os Diálogos

O tema dos **Diálogos** do dia 8 de novembro de 1895 é sobre as condições da estrada de ferro. Figueiredo Coimbra transforma o assunto em personagens alegóricas, criando um texto em que dialogam a Estrada Central e a Febre Amarela, discutindo sobre quem era o pior mal no final do século:

A ESTRADA CENTRAL. — *Enfoncée*¹ a Febre Amarela! Minha cara amiga, fui eu quem te suplantou!

¹ Tr. Derrotada, vencida.

A FEBRE AMARELA. — Triste verdade é essa, que eu não ousarei contestar. Fui miseravelmente derrotada. Eu era o flagelo nacional e hoje sou apenas uma sombra do passado.

A ESTRADA CENTRAL. — Despovoar pela morte era o teu largo programa; o meu programa é dizimar a população. Entretanto, fui mais longe do que tu; os meus fins são consideravelmente mais amplos. Tu escolhias de preferência os estrangeiros na tua fúnebre colheita; eu mato indistintamente estrangeiros e nacionais.

A FEBRE AMARELA. — Não és jacobina, não és patriota!

A ESTRADA CENTRAL. — Ó voz que entrais nos meus vagões, deixai lá fora as ilusões, e sobretudo não compreis bilhete de ida e volta, porque é despesa perdida!

A FEBRE AMARELA. — Foi humilhante a minha aposentação! Nem por isso eu era tão velha; poderia ainda prestar serviços relevantes.

A ESTRADA CENTRAL. — Mas quando e em que se poderiam comparar aos que eu presto, dando a última palavra do progresso? Pelo menos, há de convir comigo em que sou mais limpa e mais pronta!

A FEBRE AMARELA. — Mais pronta serás; agora quanto à limpeza, só concordarei contigo se te referes à das algibeiras!

A ESTRADA CENTRAL. — Comigo não há necessidade de médico nem de confessor. Quem me escolhe, não tem que se enganar: vem à morte certa. E olha que me devem agradecer de mãos postas, porque a todos levo muito mais longe do que o seu destino: levo-os para o céu. Vê lá se conduzir à eterna bem-aventurança quem apenas deseja ir a Cascadura, não é exceder miraculosamente os maiores desejos e expectativas?

A FEBRE AMARELA. — Reconheço-me vencida. Sou uma pobre moléstia repelente, que nem sempre mata, e que todos odeiam; ao passo que tu és um brilhante ramo de viação, que todos procuram e apreciam! Eu sou um foco de ruína e de misérias; tu és uma fonte de riqueza e prosperidade.

A ESTRADA CENTRAL. — Pobre vagabunda, que, no caráter de calamidade, nem ao menos sabias ser completa! Fica-te para aí; sucumbe à tua ignóbil e merecida lazeira.

A FEBRE AMARELA. — Vai, próspera, sê feliz, mas não rias da minha decadência irremediável! Olha o castigo do orgulho insensato!

A ESTRADA CENTRAL. — Assim como assim, uma vez que estás líquidada, por que não tomas um dos meus trens?(F.C., 1895a. p. 1)

As péssimas condições dos meios de transporte público e as condições favoráveis a acidentes eram constantemente noticiadas nos jornais em 1895. Coimbra trabalha com o tema fazendo um percurso irônico, sem criticar diretamente. Observa-se que nos **Diálogos** encontra-se a ficcionalização do cotidiano acrescida de crítica e humor. Para a análise da série é preciso observar as ligações que os textos estabelecem com o gênero diálogo, pois a coluna não pode ser considerada apenas como um conjunto de crônicas ou de cenas de teatro, e sim, como uma reunião das características dessas formas de escrita.

O **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** traz em sua quarta acepção do vocábulo diálogo o seguinte: “obra em forma de conversação com fins expositivos, explanatórios ou didáticos” (HOUAISS, 2001. p. 525). Essa significação demonstra que o diálogo não é mera representação de uma conversa, pressupondo que há outras finalidades quanto a sua inserção no campo literário.

A concepção de diálogo apresentada pela **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, remete à dois modos de significação do diálogo na literatura, a saber:

A palavra possui dois usos ou significados na lit: a) uma conversa entre personagens de um romance, conto ou drama, com troca de idéias ou opiniões, mediante o que se revelam os personagens e se desenvolve a história; b) um gênero pelo qual interlocutores discutem um assunto extensa e profundamente: os *Diálogos* de Platão, os de Luciano e modernos na Itália, França, Espanha. (COUTINHO, 2001. p. 592)

Como gênero, o diálogo é remetido aos textos filosóficos. Figueiredo Coimbra não escreveu filosofia em seus **Diálogos**, mas quis remeter seus textos aos filósofos, pois assina os primeiros textos da série como Platão, exemplo, por excelência, do gênero. Nos **Diálogos** há ensinamentos para os leitores, uma espécie de **filosofia prática**, como afirmou Medeiros e Albuquerque. Coimbra usou a forma filosófica do mestre de Aristóteles para compor sua coluna, mas como não se encontra nos textos nem profundas, nem extensas discussões, é como se o autor fizesse uma paródia do gênero. Usa essa forma para fazer crítica, não de grandes assuntos, mas da vida cotidiana.

Os assuntos são narrados de forma sucinta, tênue e sutil. O pequeno espaço de publicação não permitia que um assunto fosse tratado extensamente, mas os textos traziam críticas em forma de diálogo. A série de Coimbra teria características **expositivas, explanatórias e didáticas**, em sua finalidade.

No século XIX, a classificação dos gêneros literários era muito mais ampla do que nos dias atuais. Por meio dos compêndios de retórica e poética (disciplina exigida nos preparatórios até a década de 1880), constata-se como a literatura era dividida. Figueiredo Coimbra estudou na fase clássica do Colégio Dom Pedro II e, provavelmente, conhecia as acepções do gênero trazidas nos manuais oitocentistas. Dos autores desses manuais, podem-se citar os cônegos Francisco Freire de Carvalho e Fernandes Pinheiro.

No manual **Lições de eloquência nacional** de 1861 do cônego Francisco Freire de Carvalho, em sua sexta edição, traz uma importante informação na **Carta ao leitor** sobre o gênero dialogado:

Além dos acrescentamentos, que contêm a mesma 3ª edição, leva a presente um novo Capítulo [...] dedicado a dar alguns preceitos sobre os gêneros de composição *Histórica, Filosófica, Dialógica, Epistolar e Romântico-Histórica*, os quais o autor entendeu merecem ter lugar em uma obra, cujo fim é instruir a Mocidade neste ramo de Literatura amena. — Não havendo na opinião do Autor coisa alguma impressa acerca destes importantes assuntos, pelo menos tratada elementarmente, para dirigir os Jovens muitos dos quais hoje em dia em Portugal se ocupam com louvor em escrever para o Público; julgou ele, que fazia um bom serviço à sua Pátria, apresentando neste seu livro idéias extraídas de puras fontes, sobre o modo de tratar com acerto as matérias dos gêneros de Literatura. (CARVALHO, 1861. p. 4-5)

Freire de Carvalho insere o gênero diálogo no ramo da **literatura amena**, e, traz o início da prática do gênero na década de 60 do século XIX. Antes dessa data, os manuais não traziam as caracterizações apresentadas nas **Lições**. A forma de composição dialógica era usada pelos jovens portugueses que escreviam para o público e, fazia-se necessário trazer a descrição do gênero nos manuais didáticos. Assim, no novo capítulo há a seguinte explicação sobre o diálogo:

§31 - As composições filosóficas, e até algumas vezes as históricas toma uma forma, que as faz aproximar às obras de mero gosto: é ela a do Diálogo, ou da simples conversação. — Por dois modos diferentes pode ser escrito um Diálogo: ou pode ser uma conversação direta entre alguns interlocutores, sem que nela intervenha o autor; ou também a narrativa de uma conversação, em que o autor tome parte, dando conta do que nela se tem tratado. Estes dois métodos apresentam entre si alguma diferença, quanto à forma; como porém a natureza da composição em um e outro é sempre a mesma, ambos por isso estão sujeitos às mesmas leis.

§32 – Um Diálogo escrito em qualquer destas duas formas, e que tenha por assunto ou a Filosofia em qualquer dos seus ramos, ou a Crítica, &c, ocupa, quando é bem feito, um lugar honroso entre as obras do Gosto; contudo a sua execução é muito mais difícil, do que comumente se pensa. Não basta, para que seja perfeito um Diálogo, o fazer aparecer, nele algumas pessoas, que falem uma após a outra; é preciso, que ele seja a representação verdadeira e animada de uma conversação real: nela devem aparecer o caráter, e, para assim dizer, os gestos de cada um dos interlocutores, o fundo do seu espírito, os seus pensamentos, as expressões que lhe são mais familiares, e que os fazem diferenciar de quaisquer outros.

§33 – O Diálogo, que assim for composto, deverá infalivelmente interessar ao leitor; visto que os debates das diferentes personagens apresentando-lhe com clareza e com vivacidade os argumentos, por uma e outra parte empregados, o levarão a seguir com gosto o progresso de uma conversação espirituosa e animada por caracteres bem sustentados. Pelo que o autor, que puder lisonjear de bem desempenhar este Gênero, pode estar certo de que agradará instruindo. (*Ibidem*. p. 273-274).

Freire de Carvalho remete o diálogo às “composições filosóficas”, e “até algumas vezes as históricas”, aproximando-o “às obras de mero gosto”. Ou seja, o gênero seria uma forma de escrever filosofia ou história, mas com aspectos literários na composição, por isso refere-se às “obras de mero gosto”. Dessa forma, o fator histórico, pode ser inserido na análise dos **Diálogos**. A história está presente em textos que comentam os fatos da época, como o da estrada central. Assim, a coluna de Coimbra pode ser considerada como um panorama literário-representativo da vida do Rio de Janeiro do século XIX. O autor concentra-se em delimitar e criticar algumas atitudes dos cariocas da época e, por consequência, acaba trazendo alguns elementos históricos. Essa característica, acaba aproximando a coluna da crônica. Nas **Lições**, Freire de Carvalho aproxima as composições dialogadas, filosóficas e históricas, da literatura. O diálogo torna-se assim um gênero híbrido que oscila entre literatura e filosofia, ou entre literatura e história. Essa aproximação permite analisar essas composições com bases literárias, filosóficas ou históricas.

Em relação aos modos de escrever um diálogo apresentado por Carvalho, percebem-se que as descrições remetem aos discursos direto e indireto. O usado por Figueiredo Coimbra em sua coluna é o discurso direto, que na descrição de Freire “pode ser uma conversação direta entre alguns interlocutores, sem que nela intervenha o autor”. Nos **Diálogos** não há a interferência de um narrador, somente a “conversação direta”, o que ocorre, muitas vezes, é a presença de rubricas, elemento usado em textos teatrais.

No parágrafo 32, Carvalho faz uma descrição importante para a análise da coluna de Coimbra: “Um Diálogo escrito em qualquer destas duas formas, e que tenha por assunto ou a Filosofia em qualquer dos seus ramos, ou a Crítica, &c, ocupa quando é bem feito, um lugar honroso entre as obras do Gosto”. Assim, pode-se conferir aos textos dialogados um lugar na literatura, portanto pode-se atribuir aos **Diálogos** de Coimbra seu valor literário, pois não tendo como assunto a filosofia, transita pela crítica em geral escrita em forma dialogada. A qualidade de escrever em forma dialogada foi elogiada pelos escritores da época de Coimbra, remetendo tanto a sua coluna n’**A Notícia** como aos seus textos teatrais, que faziam grande sucesso nas representações.

Freire de Carvalho ainda atesta a dificuldade de execução do gênero dialogado, afirmando que para a perfeição do gênero “é preciso, que ele seja a representação verdadeira e animada de uma conversação real”. Os textos de Coimbra apresentam a representação da capital federal, transparecendo ao público uma forma de reconhecimento do típico carioca da época, principalmente em suas atitudes. Os outros elementos apresentados por Carvalho são o **caráter**, “os gestos de cada um dos interlocutores”, as “expressões que lhe são mais familiares”, essas são algumas características das personagens criadas por Coimbra, que como expôs Bilac sobre os **Diálogos** que “todas as pequeninas tragédias e comédias, que são a vida de uma cidade, eram fixadas ali, em duas

dúzias de linhas rápidas; uma rubrica bastava para dar a fisionomia de um personagem, uma curta frase incisiva bastava para gravar um estado de alma” (B., 1900. p. 2) . Assim, Coimbra conseguia criar tipos e com uma frase “gravar um estado de alma”.

A exposição sobre o gênero de Freire de Carvalho termina com a seguinte afirmação “Pelo que o autor, que puder lisonjear de bem desempenhar este Gênero, pode estar certo de que agradará instruindo”. O gênero dialogado dessa maneira consegue agradar e instruir ao mesmo tempo. Ensina e diverte. Os **Diálogos** trazem ensinamentos sobre a vida cotidiana, com humor, que agradava muito seus leitores. Percebe-se que o público simpatizou-se com a coluna, pois ela durou 4 anos, mesmo que em alguns anos sejam publicados poucos textos, devido ao afastamento do escritor para traduzir peças para o teatro. As colunas dos jornais que não tinham boa aceitação eram substituídas por outras, os **Diálogos** sempre tiveram seu espaço nas páginas d’**A Notícia**.

Um ano após a publicação das **Lições**, o cônego Fernandes Pinheiro fez a seguinte descrição sobre o gênero diálogo, no **Curso de Literatura Nacional**:

É certamente o diálogo uma das mais agradáveis formas de instruir aos homens, reunindo à solidez das obras didáticas o movimento dramático. Foi por isso que os diálogos de Platão, em que tão bem espelhada se vê a grande alma de Sócrates, mereceram a maior aceitação da Antigüidade. A beleza deste gênero de composição, diz Marmontel, resulta da importância do assunto e do peso das opostas opiniões. Deve ser mais um debate do que uma lição, podendo existir ignorância em um dos interlocutores, nunca porém absoluta carência do espírito. Na brilhante quadra da literatura nacional, que perfuntoriamente estudamos, notam-se alguns diálogos de reconhecido valor; nem era possível que a pasmosa fecundidade do engenho lusitano deixasse de consagrar-se a esse tão belo quão útil ramo da frondosa árvore das letras. (PINHEIRO, 1978. p. 119)

O cônego Fernandes Pinheiro situa o diálogo no âmbito da instrução dos homens e, depois conceitua o gênero como uma reunião da “solidez das obras didáticas” com o “movimento dramático”. Em relação a utilidade do gênero, o **ensinamento**, os cônegos Freire de Carvalho e Fernandes Pinheiro compactuam com a mesma teoria, mas em relação a conceituação da forma, eles se diferem, pois Carvalho faz uma descrição relacionando o gênero ao discurso direto e indireto, enquanto Pinheiro descreve como “movimento dramático”. Assim, Fernandes Pinheiro insere o gênero, e traz características para a constituição do diálogo na dramaturgia.

Os dois autores usam a mesma base para descreverem o gênero, a saber, Platão. Mas, a visão dos dois autores é um pouco distinta. Não cabe no momento discutir as implicações dessas afirmações, mas usá-las para tirar uma conclusão para a análise dos textos de Coimbra. As duas concepções não se anulam, na verdade se completam, na medida em que pode-se ver o texto dialogado como um discurso direto e também como um recurso do texto teatral. A conclusão atingida por essas concepções é que a descrição do gênero não participa de uma solidez e, cada autor poderá analisar o gênero de diversas maneiras. A nossa proposta é recorrer às aproximações literárias, não impedito o confronto com outras perspectivas. Portanto, as duas concepções são válidas e trazem mais elementos para a análise da coluna de Coimbra. Os **Diálogos** participam e se caracterizam como um texto que usa o discurso direto, mas as características das composições teatrais estão mais fortes na constituição da coluna.

Uma outra descrição do gênero dialogado foi publicado no livro do Cônego Fernandes Pinheiro, também usado no Colégio Dom Pedro II como as **Lições** de Freire de Carvalho, são as **Postillas de rhetorica e poetica** de 1885, que traz no capítulo XIV, intitulado **Do modo de escrever a história, obra filosóficas, diálogos, epístolas, novelas e romances históricos**, a seguinte explicação sobre o gênero:

Diálogo é o desenvolvimento contraditório duma tese discutível. Seu principal mérito consiste no progressivo interesse resultante da apresentação da mesma tese sob diversos aspectos.

Este gênero da composição só deverá aplicar-se aos assuntos que tiveram duas ou mais faces em seu desenvolvimento, e que possam ter mais de uma solução digna e moral. Seria perigosíssimo o exercício de aguçar o espírito em busca de boas razões para defesa duma causa reconhecidamente má, como fez Rousseau pondo em litígio a reprovada doutrina do suicídio. Platão e Cícero, n'Antigüidade, deixaram-nos excelentes diálogos; e entre os modernos citam-se os de Fénelon como modelos do gênero. (PINHEIRO, 1885. p. 104)

Nesta concepção apresentada nas **Postilas** de Fernandes Pinheiro, percebem-se algumas diferenças de sua primeira descrição. Na concepção anterior, o autor conceitua o gênero fazendo referência a sua utilidade, agora ele também apresenta as possíveis aplicações desse tipo de texto, apontando autores que executaram o gênero de forma correta e também de forma errada.

Na explicação apresentada, o autor faz referência a Marmontel, dizendo que “a beleza deste gênero de composição [...] resulta da importância do assunto e do peso das opostas opiniões”. Nos **Diálogos** de Coimbra não há um debate exacerbado entre as personagens, pois geralmente o autor cria o relato de uma situação em que se exporá a opinião sobre determinado assunto, não se tratando de um posicionamento claro, mas que sempre pressupõe que o leitor saiba do que está sendo exposto. Pressupõe-se que Coimbra queira mesmo deixar estampada a sua opinião aos leitores, querendo que esses se convençam de que essa é a mais correta e verdadeira em determinados momentos. Ele situa-se no âmbito da crítica, com suas impressões sobre o momento vivido. Dessa forma, cada crítica parte de alguma atitude ou algum serviço prestado que precisa ser mudado na capital daquele momento.

As descrições do cônego Pinheiro apontam para a junção do texto literário com o texto didático, demonstrando o híbrido no gênero dialogado. Cada autor executará o gênero de uma maneira. A análise dos textos da coluna **Diálogos** de Coimbra revelam que os textos compactuam com uma junção de características de vários gêneros literários em sua constituição. Por isso o autor acaba usando alguns elementos encontrados no gênero dialogado apresentado nos manuais de retórica do século XIX e também em outros gêneros literários, tornando a coluna híbrida.

Coimbra cria sua série a partir de uma fusão de gêneros literários. Consegue juntar o gênero diálogo, **belo e útil**, aos textos teatrais, quando faz uso de rubricas e também cria personagens tipos e alegóricas (personagens usadas nas revistas de ano). Consegue **intruir e agradar** com seus textos, e cria um texto que não pode ser classificado somente como um diálogo publicado em jornal, mas justamente por causa desse meio de difusão e também pela forma como o autor faz a representação literária da história, os **Diálogos** também são **crônicas**, crônicas dialogadas. É impossível situar os textos de Coimbra apenas como diálogos, ou cenas cômicas, ou mesmo como sendo só crônicas, mas a coluna remete a uma união de formas literárias, que oscilam entre a filosofia, a história e a literatura.

Conclusão

Figueiredo Coimbra praticou um gênero muito usado no Brasil do século XIX, a saber: o diálogo, no entanto hoje é quase desconhecido. Mas, o autor foi mais além, criou uma série de crônicas que misturava as características do gênero dialogado, do teatro popular e também da crônica. Os textos dos **Diálogos**, nessa perspectiva de mistura de elementos de formas literárias, tornam-se construções textuais híbridas. Uma hibridização que enriquece a literatura brasileira, possibilitando aos escritores a liberdade de criação.

A mescla de gêneros permitiu que Coimbra explanasse e expusesse os problemas da sociedade carioca no final do século XIX, tornando-se um escritor totalmente engajado. O texto sobre os problemas da estrada, instrui a população a ficar atenta para os problemas dos descarrilamentos dos trens, que estavam matando mais pessoas do que uma doença, como a febre amarela. De forma humorística, a moral da história seria a necessidade de alguma providência em relação a segurança dos meios de transporte.

O didatismo da coluna demonstra a tomada de posição do autor, que mesmo não sendo explícito em seus propósitos de finalidade da coluna, conseguia infiltrar nos textos sua opinião e críticas sobre a vida no Brasil. Expunha de forma concisa e crítica os males da sociedade e tentava mostrar qual o caminho correto a seguir, dessa maneira, juntamente com os elementos textuais que compõem os **Diálogos**, Coimbra conseguiu transformar a coluna em um meio de **agradar instruindo**.

Referências Bibliográficas

- [1] FIGUEIREDO COIMBRA. **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, dez. 1894. p.2.
- [2] MAGALHÃES, Valentim. Figueiredo Coimbra. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 28 mar. 1899. p. 2, 2-3.col.
- [3] A NOTÍCIA publica. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1895. p.1, 5.col
- [4] Rufiuflio Singapura [Medeiros e Albuquerque]. *Notas. A Notícia*. Rio de Janeiro, 28 mar. 1899. p. 2.
- [5] AZEVEDO, Artur. O teatro. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 30 mar. 1899. p. 2.
- [6] B. [Olavo Bilac].Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1899. p. 1, 1-2.col.
- [7] B. [Olavo Bilac]. A data. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 23 mar. 1900. p. 2, 1.col.
- [8] F. C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 8 nov. 1895a. p. 1, 5.col.
- [9] HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- [10] COUTINHO, Afrânio. (dir.). **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo : Global ; Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional : Academia Brasileira de Letras, 2001.
- [11] CARVALHO, Francisco Freire de. **Lições elementares de eloquência nacional**: para uso da mocidade de ambos os hemisférios que fala o idioma português. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1861.
- [12] PINHEIRO, J. C. Fernandes. **Curso de literatura nacional**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978,
- [13] PINHEIRO, J. C. Fernandes. **Postilas de retórica e poética**. Ditadas aos alunos do Imperial Colégio Dom Pedro I. 3ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1885.

¹**Marcela FERREIRA, Mestranda.**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Instituto de Estudos da Linguagem

E-mail: marfe16@hotmail.com